



Fábio Oliveira Santos

**INTRODUÇÃO À
PEDAGOGIA DO
OPRIMIDO**

alguns pontos para reflexão

**Introdução à Pedagogia do Oprimido:
alguns pontos para reflexão**

Fábio Oliveira Santos

**Introdução à Pedagogia do Oprimido:
alguns pontos para reflexão**



Copyright © Fábio Oliveira Santos

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Fábio Oliveira Santos

Introdução à Pedagogia do Oprimido: alguns pontos para reflexão. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 51p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-2032-1 [Digital]

1. Pedagogia do Oprimido. 2. Paulo Freire. 3. Reflexões. 4. Educação. I. Título.

CDD – 370

Capa: Marcos Della Porta

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2025

Sumário

Agradecimentos.....	7
A contribuição de Paulo Freire para a educação municipal de São Paulo: uma reflexão a partir da experiência vivenciada	9
<i>Rita de Cássia Emiliano</i>	9
Comentários sobre a obra de Paulo Freire	11
<i>Stephanie Efstathiou</i>	11
Apresentação: o que esperamos com este estudo?	13
<i>Fábio Oliveira Santos</i>	13
Introdução	19
A educação no contexto de Paulo Freire: primeiras linhas	21
A educação no contexto de Paulo Freire: segundas linhas.....	25
Capítulo 1	29
1.1. Justificativa da Pedagogia do Oprimido	29
1.2. A contradição: opressores-oprimidos, sua superação.....	31
1.3. A situação concreta de opressão e os opressores	34
1.4. Ninguém Liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão	35
Capítulo 2	39
2.1. A concepção bancária da educação como instrumento de opressão. Seus pressupostos, sua crítica	39
2.2. A contradição Problematizadora e libertadora da educação. Seus pressupostos.....	40
2.3. A concepção “bancária” e a contradição Educador – Educando.....	41

2.4. Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo	42
2.5. O homem como ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca do Ser mais.....	43
Considerações Finais.....	47
Referências.....	49

Agradecimentos

Quando iniciamos a jornada como educador e começamos a entender o funcionamento da própria sociedade, a obra de Paulo Freire foi meio que um sinalizador em meio aos caminhos que ainda estariam por vir e, creio, ainda virão. Sob esse aspecto, contribuir para que outros sigam os seus passos com a orientação de gigantes se faz necessário.

Agradeço essa oportunidade que outros educadores proporcionaram, ao passo que busco deixar pistas do caminho que percorri – sempre acompanhado, evidentemente.

Como não poderia deixar passar, agradeço à pessoa que proporcionou, sobretudo, mesmo sem o saber a oportunidade de vivenciar diversas experiências que transformaram e transformam a minha via. Assim deixo registrado os agradecimentos a minha mãe: Zelina Maria Oliveira Santos, que nos seus oitenta anos vive e viveu os ensinamentos do educador, mesmo sem conhecê-los.

Também deixo marcado as minhas filhas: Agnes e Ágatha para que em suas jornadas lembrem-se dos grandes, conversem com os mortos e os mitos e não esqueçam quem somos.

Fábio Oliveira Santos

Maio de 2025.

A contribuição de Paulo Freire para a educação municipal de São Paulo: uma reflexão a partir da experiência vivenciada

Rita de Cássia Emiliano¹

Este texto busca refletir sobre a influência de Paulo Freire na educação municipal de São Paulo, a partir de uma experiência pessoal iniciada em maio de 1990, quando ingressei na Prefeitura do Município de São Paulo. Naquele período, o então secretário municipal de educação era Paulo Freire, cuja gestão promoveu mudanças significativas e inovadoras no cenário educacional da cidade.

Durante esse período, observou-se uma valorização do magistério, caracterizada pelo tratamento respeitoso aos professores e pelo planejamento de ações voltadas ao seu aperfeiçoamento profissional. Melhorias salariais e a oferta de cursos ministrados em instituições de renome demonstraram um olhar diferenciado para a formação docente e para a qualidade da aprendizagem.

Nesse contexto, os professores passaram a ser considerados mediadores do conhecimento, deixando de ser meros detentores do saber para assumirem uma postura de facilitadores do processo de aprendizagem, estimulando a criticidade dos estudantes. As aulas passaram a ser dialogadas, abordando temas problematizadores do entorno, promovendo uma participação ativa dos alunos.

Foi nesse ambiente que se consolidou a prática da interdisciplinaridade, na qual diferentes disciplinas se articulavam

¹ Professora de Educação Infantil e Fundamental 1. Atualmente, Professora Orientadora do Curso Normal (Magistério). Formação Acadêmica: Magistério, Pedagogia pela PUC, Letras pela Faculdade Campos Salles.

em torno de um tema central, buscando promover uma compreensão mais ampla e integrada da realidade. Essa abordagem colaborativa incentivava o protagonismo dos estudantes na busca por mudanças sociais e ambientais, tornando o processo de aprendizagem mais significativo. As atividades pedagógicas deixaram de ser prontas, passando a envolver professores e estudantes como pesquisadores, promovendo uma aprendizagem ativa e contextualizada.

Um exemplo concreto dessa abordagem foi a problemática do lixo. Os caminhões de descarte utilizavam o trajeto próximo à escola para depositar resíduos, contribuindo para a poluição do ar e dificultando a respiração em determinadas circunstâncias. A mobilização da comunidade escolar, por meio de manifestações e assembleias, resultou na luta coletiva para a retirada do lixão, que foi desativado, promovendo melhorias ambientais e de saúde pública na região.

A intervenção de Paulo Freire promoveu mudanças notórias não apenas na prática pedagógica, mas também na vivência comunitária. Através da educação, diversas conquistas foram alcançadas nos bairros onde existiam escolas municipais. Reuniões em polos, denominados Núcleos de Ação, reuniam representantes de várias escolas para apresentar projetos e compartilhar experiências de transformação social. Nosso polo, localizado no Pelezão, foi palco de ações colaborativas que fortaleceram a participação comunitária.

As formações continuadas constituíram uma importante estratégia de aprimoramento docente, possibilitando o desenvolvimento de práticas pedagógicas fundamentadas em autores renomados e voltadas à melhoria da qualidade do ensino. Essas ações contribuíram para a formação de professores mais preparados para enfrentar os desafios do contexto escolar e social.

Este relato busca evidenciar a relevância de Paulo Freire para o magistério de São Paulo, destacando seu impacto na formação de uma educação mais crítica, participativa e transformadora.

Comentários sobre a obra de Paulo Freire

Stephanie Efstathiou²

Mais que uma obra conscientizadora, a Pedagogia do Oprimido é uma obra libertadora e revolucionária, que busca mostrar uma educação emancipadora sob aspectos da ação - reflexão- ação numa constante práxis sob um olhar mais humanitário e menos enrijecido e engessado.

Quando retomei essa leitura lembrei-me dos ótimos momentos com minha mãe, veio em minha memória: “Tudo aquilo que lemos, compreendemos e aceitamos se torna parte de nós”. (Neide Stábile, *in memoriam*).

Este livro orchestra de maneira mais abrangente a conscientização e a necessidade humana de humanização não apenas sob o conhecimento, mas de forma a libertar se de padrões e da ignorância instrumental que às vezes nem percebemos.

A obra é atemporal, pois aborda um tema tão importante quanto a educação, que desde séculos passados, quanto a tempos futuros, se não for embasada numa conscientização, reflexão, diálogo, informação, evolução, será sempre desumanizada e opressora, haja vista, que o dominante e o opressor buscam aos interesses de certas classes sociais de modo que a informação nem sempre se torna esclarecedora e igualitária para o dominado e o oprimido.

Quanto a isso, percebemos e comentamos a divisão de classes e interesses sociais. A informação e a criatividade se tornam ações

² Professora de língua inglesa, há dezoito anos é professora sempre acreditando que os conceitos freireanos norteiam a vida e, portanto, são princípios educacionais do educador no sentido que o caminho é construído junto, ou estar sendo no processo.

igualmente importantes e peças-chave, fundamentais para o começo de uma transformação.

Em relação à educação problematizadora, fim da Pedagogia do Oprimido, busco sempre conversar com os alunos a partir dos problemas reais e da vida concreta considerando o conhecimento que já trazem consigo, faço questão de demonstrar que somos iguais, inclusive em relação ao conhecimento.

Procuro aproximar as relações no sentido de melhorar a construção do conhecimento entre educador e educando, vez que é por meio da interação, o respeito e pela busca constante por respostas tornam as pessoas sujeitos de suas próprias palavras e, portanto, a construção dos saberes de forma humanizada.

Dáí essencial à leitura de Paulo Freire.

Osasco, 25 de maio de 2025.

Apresentação: o que esperamos com este estudo?

Fábio Oliveira Santos³

Meus caros e futuros professores!

De antemão parabeno-os pela permanência, pela resiliência e também pela capacidade de aprimorarem-se sob as circunstâncias dadas. Mesmo assim relembro-os que é por meio do verbo (da ação) que se transforma e se constrói.

Também não é dizer que encontrarão na profissão que escolheram as maravilhas dos contos de fadas e os elementos mágicos, além dos mitos que sempre gostei e sempre que pude trouxe-os para ambiente escolar, pois bem, lembrem-se em muitos momentos dos doze trabalhos.

Que dizer ainda das aventuras de Hércules, o maior semideus que foi nos deixado. Este último, vocês andarão bem de perto. Ao lado dele levarão consigo outro gigante: Paulo Freire. Peço que conversem com os vivos e os “mortos” durante todo o processo. Já fora dito em outra situação que: devemos subir em ombros de gigantes. Tenham esses parâmetros!

Para ajudá-los fiz um pequeno opúsculo como introdução ao legado do maior educador do Brasil, na verdade uma referência apenas a um dos livros deste gigante: *Pedagogia do Oprimido*, de modo que seja compreensivo o papel da educação.

Creio que a necessidade de compreensão dos conceitos essenciais desta obra somados ao interesse pelos escritos de Paulo Freire e a contribuição para o estudo dos alunos que logo serão

³ Professor de Língua Portuguesa da rede Municipal de Ensino de São Paulo, advogado e mestre em Direitos Humanos. Apaixonado pela Marvel e pelas Inteligências Artificiais. Fiel defensor do Homem de Ferro. Seguidor de Hércules, o maior dos semideuses. Nesse momento e a partir dos estudos freireanos enveredamos por caminhos desconhecidos rumo ao universo dos animes...

professores encaminharam-me à pesquisa e a escrita deste livro introdutório, haja vista que os conceitos apresentados servirão para pesquisa futura com o trabalho crítico em relação aos animes.

A cada página lida foi como a descoberta de algo novo que o portador das chaves tem acesso, em cada etapa vencida um guardião do portal surgia-me para testar o aprendido. O intuito era sempre a preparação para o próximo passo, tanto é assim que durante esta jornada novas ideias foram aparecendo como se sempre estiveram por lá! Só aguardando o chamado!

Parece-me que de alguma maneira o chamado foi atendido. Com isso, busquei dar sentido às palavras de acordo com o que compreendi da leitura do texto *Pedagogia do Oprimido*, mesmo assim temi por cometer uma ou outra incoerência de modo que resolvi colocar todos os conceitos chaves que achei pertinente ao longo do texto começando com o Papel da Educação.

Conceito.

Papel da educação: A educação, para Freire, deve ser um instrumento de humanização, promovendo a reflexão crítica e a participação ativa dos educandos na construção do conhecimento e na transformação da sociedade.

Reitero que tudo que fiz não chega nem em uma fração mínima da obra que Paulo Freire deixou, mas é um começo que visa introduzir a compreensão de seu trabalho em algum sentido e, quem sabe, direcionar novos estudos em diversas esferas e em diversas áreas do conhecimento.

Também é importante alertar que os diversos vieses e as hipóteses que venho pensando durante os anos de que me dedico ao ensino e ao magistério perpassam e se misturam por todo o texto que ora irão ler.

Ainda, este pequeno trabalho tem a pretensão de iniciar alguns estudos que por vezes deixamos em descanso, mas por vários motivos ainda não foram colocados em prática.

De acordo com o próprio Paulo Freire a educação bancária não privilegia o conhecimento do aluno, vez que neste ser é apenas depositado o conhecimento.

Ao contrário disso e ainda e em direção paralela pretendemos contribuir com outros estudos – ainda que não sejam novos -, nosso interesse segue na direção dos estudos em relação à crítica, mas neste caso pretendemos realizá-las a partir das novelas japonesas que se tornaram animes e que são apresentados na Crunchyroll, na Netflix ou mesmo na Prime vídeo, ou seja, animes como Overlord⁴ ou a Lenda de Vox Máquina⁵ e Solo Leveling⁶

Pontua-se que diversos animes são representações de universos de jogos tanto virtuais quanto de jogos de tabuleiros como *Dungeons and Dragons*. Observa-se que o potencial de aprendizagem no contexto de todo o ensino básico perpassam por essas manifestações culturais onde os alunos estão imersos, daí dizer que são conhecimentos que já trazem consigo.

Muito embora para este momento não seja a discussão destas narrativas, assim deixamos nesta apresentação o registro dos potenciais para serem explorados em outro momento por meio de diálogo com Paulo Freire, desse modo apenas tecemos apontamentos que mais tarde e em outro momento serão entrelaçados com a obra freireana e a crítica:

⁴ Apresentação disponibilizada no próprio site da Crunchyroll: Quando um MMORPG bastante popular anuncia que será desligado permanentemente, um jogador veterano se recusa a deslogar: Momonga. À medida que NPCs começam a desenvolver personalidades e mentes próprias, ele decide usar suas habilidades para se tornar o novo chefe do jogo. Disponível em: <https://www.crunchyroll.com/pt-br/series/G69PZ5PDY/overlord?srsId=AfmBOomzeo39gBt3NWpSyOZaaVTr0z-ro9ojukScdG9vKOh4oZq4qnO> Acesso em: 21/05/2025.

⁵ Escrevi um pequeno texto apresentando o desenho e publiquei no meu blog, entre outras coisas também é disponibilizado um vídeo de apresentação: <https://debatespoliticossempre.blogspot.com/2024/10/a-lenda-de-vox-machina.html>. Acesso em: 21/05/2025.

⁶ Disponível em: <https://www.primevideo.com/-/pt/detail/Solo-Leveling/0PBBLSIQOPO9EUYQ4CY4U9CPFD> Acesso em: 21/05/2025.

1. Solo Leveling:

Opressão e Hierarquia: O sistema dos "caçadores" e as classes (E, D, C, B, A, S) representam uma hierarquia rígida onde os mais fracos são marginalizados e descartáveis. Sung Jin-Woo, inicialmente, é o "mais fraco", um oprimido nesse sistema.

Desumanização: Como os caçadores de baixo nível são tratados? E os monstros? A desumanização dos adversários é um tema comum em narrativas de poder.

Conscientização e Agência: A jornada de Jin-Woo pode ser lida como um processo de conscientização. Ele não se conforma com sua posição e busca a transformação. Qual o papel do "Sistema" nesse processo? Ele é um agente de libertação ou um novo tipo de opressor?

Diálogo e Antidualógicidade: Existem relações dialógicas genuínas entre os personagens ou a comunicação é mais próxima da "educação bancária" onde um detém todo o poder e conhecimento?

2. A Lenda de Vox Machina (e Critical Role):

Opressão e Corrupção do Poder: Os vilões na série (como o Lord e Lady Briarwood, o Thordak, o Vecna) representam sistemas de opressão e poder corrompido que exploram e subjagam populações.

Grupos Marginalizados: Como os personagens lidam com as injustiças sofridas por aqueles que são oprimidos pelos poderosos? A Vox Machina frequentemente se posiciona ao lado dos "fracos".

Ação Libertadora: As aventuras do grupo podem ser vistas como atos de insurreição e luta contra sistemas opressores, buscando a libertação de povos e a restauração da justiça.

Liderança e Participação: Como a liderança é exercida dentro do grupo? É uma liderança dialógica ou há momentos de "invasão cultural" ou manipulação?

3. Overlord:

Opressor como Protagonista: Esta é a obra mais intrigante sob a ótica freiriana, pois o protagonista, Ainz Ooal Gown, é essencialmente um opressor. Ele busca dominação e subjugação de outros reinos e seres.

Desumanização e Alteridade: Como Ainz e seus guardiões veem os "outros" (humanos, elfos, etc.)? Há um processo brutal de desumanização que justifica suas ações.

Aparência de Benevolência: Ainz, muitas vezes, tenta se apresentar como um "bom governante" ou "salvador", mas suas ações são fundamentalmente opressoras. Isso dialoga com a crítica de Freire à falsa generosidade do opressor.

Reificação: Como os habitantes de Nazarick e os seres sob seu domínio são tratados como objetos ou ferramentas?

Conscientização (Invertida): A análise pode focar em como a narrativa não promove a conscientização dos oprimidos, mas sim a consolidação do poder opressor. Ou, talvez, em vislumbres de resistência e busca por liberdade por parte dos personagens subjugados.

Com isso, os estudos de Paulo Freire podem ser reaplicados a diversos âmbitos sociais. O objetivo desse trabalho é fazer uma aplicação do estudo de Freire ao contexto ficcional das narrativas em animes.

Trata-se de uma análise comparativa para entender como essas histórias indiretamente carregam os princípios freireanos, espelhando a sociedade real.

A verossimilhança na ficção reflete muito do que acontece na sociedade real. Portanto, o estudo de Freire se faz presente em contextos diversificados, muito embora neste momento sejam apresentados somente os conceitos sem a preocupação em dialogar com animes que comentamos acima.

Com isso, apresenta-se a Pedagogia do Oprimido com o fim de ampliar a discussão e contribuir com os estudos freireanos além de fornecer elementos para a pesquisa que logo estará em curso.

Sejam bem vindos e bem vindas!

Introdução

O texto visa explicar alguns pontos da obra de Paulo Freire: *Pedagogia do Oprimido*, para tanto tece considerações de como a educação aconteceu desde a chegada dos portugueses ao Brasil e a influência do discurso de inferioridade que modelou a educação por centenas de anos.

Na sequência apresenta-se o momento do exílio de Paulo Freire no contexto ditatorial em meados de 1968, percebe-se que a experiência de aprisionamento do educador influenciou de maneira significativa na *Pedagogia do Oprimido* e a tomada de consciência quanto à realidade.

Também se apresenta o primeiro capítulo da obra com a justificativa e o motivo da *Pedagogia do Oprimido*, vez que a falta de consciência não permite identificar os mecanismos opressores e muito menos os elementos de opressão, desse modo é negado a humanização do próprio oprimido que desconhece os motivos, mas sente que algo não está em sintonia.

Ainda, no decorrer, trata-se da contradição entre opressores e oprimidos, para o autor, a tomada de consciência pelos oprimidos e, portanto, a própria liberdade exige a superação das contradições de modo que os opressores também sejam libertados.

Discute-se também o papel da classe dominante que teme perder os seus privilégios e por conta disso reage como forma de impedimento ao acesso à humanização do oprimido, pois a falta de consciência gera a dominação.

Traz para o debate a ideia de que ninguém educa ninguém, a educação é construída de maneira coletiva entre educadores e educandos tendo como objeto de reflexão a própria realidade em um movimento de práxis.

Entre outras coisas discute-se também a concepção de educação bancária, para Paulo Freire é uma educação de mão única

e não exige sujeitos, mas apenas copiadores. A educação sob esse viés uma espécie de banco, onde se deposita o saber no objeto educando como se enquanto sujeito não relativizasse os eventos e refletisse sobre a sua própria realidade.

Em contrapartida, Paulo Freire propõe uma educação humanística onde os educadores e os educandos caminham juntos em uma perspectiva dialógica que pressupõe a aproximação entre educador e educando por meio de problematizações.

A perspectiva de Paulo Freire enquanto educação é de um sujeito inconcluso que se constrói enquanto na ação e na reflexão em direção a sua humanização, é um ser inacabado que por meio de sua consciência compreende a sua existência.

A educação no contexto de Paulo Freire: primeiras linhas

Para este ensaio pensei em comentar o contexto da educação entre as décadas de 1930 e 1960, a meu ver, os eventos que aconteceram no Brasil tiveram impacto direto na formação intelectual de Paulo Freire, vez que as reflexões sobre as condições da educação e da própria vida do brasileiro perpassaram por toda a sua vida intelectual.

Mas, antes de começar a tecer os comentários que teimam em sair importa abrir as portas com algumas primeiras e segundas linhas.

Há algum tempo faço reflexões sobre a história do Brasil de modo que observei que desde o descobrimento a taxa de analfabetismo sempre foi alta, ainda que não houvesse senso para constatar.

Acredito que em sua imensa maioria o analfabetismo era direcionado para as pessoas negras. Era negado o acesso à educação, quando muito era ensinado às primeiras letras a fim de vendê-los mais tarde por um valor maior.

Leva-se em conta que era necessário a manutenção do controle sob todos, inclusive os trabalhadores negros e brancos, ao passo que menos educação era sinônimo de dominação. Mantido o controle e a continuidade do exercício do poder pelas pessoas que detinham tal dominação.

Nesse sentido, determinadas esferas da sociedade mantiveram-se no poder ou ao menos não propiciaram uma escola para todos temendo uma educação libertadora no sentido freireano.

Conceito

A "**educação libertadora**" é um conceito pedagógico desenvolvido por Paulo Freire, que a contrastava com o que ele chamava de "educação bancária". Em sua obra seminal, "Pedagogia do Oprimido", Freire explora profundamente essa distinção e propõe uma abordagem educacional que visa a emancipação e a conscientização dos indivíduos.

Principais características da educação libertadora:

Diálogo: A base da educação libertadora é o diálogo entre educador e educando. Não há uma transmissão unilateral de conhecimento, mas sim uma troca de experiências e saberes em que ambos aprendem e crescem juntos.

Problematização: Em vez de simplesmente transferir conteúdo, a educação libertadora parte da realidade concreta dos alunos, apresentando situações-problema para que eles reflitam criticamente sobre o mundo ao seu redor.

Conscientização: O objetivo central é levar os educandos a desenvolverem uma consciência crítica da sua realidade social, econômica e política, percebendo as injustiças e opressões existentes.

Transformação: A educação libertadora não se limita à compreensão da realidade, mas busca capacitar os indivíduos a se tornarem agentes de transformação social, atuando na busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

Autonomia: Encoraja os alunos a pensarem por si mesmos, a questionarem, a serem independentes e a construir seu próprio conhecimento, em vez de serem meros receptores de informações.

Valorização da experiência: A vivência e o conhecimento prévio dos alunos são considerados pontos de partida fundamentais para o processo de aprendizagem.

Horizontalidade: A relação entre educador e educando é horizontal, de parceria e respeito mútuo, em contraposição à verticalidade da educação bancária.

No entanto, décadas à frente depois de diversos debates e lutas sociais a balança da igualdade começou a equilibrar-se. Mesmo assim, ainda, em relação ao Brasil e com o olhar nos desdobramentos que o país seguiu.

Percebemos que em alguns momentos comerciantes ricos e analfabetos desenvolviam suas atividades como lhes eram pertinentes; em outros momentos o projeto de negação da educação aos trabalhadores, haja vista o processo de escravidão que acontecera, uma espécie de pedagogia do medo para aprender a obedecer.

No entanto, situação discrepante: comerciantes faziam negócios; trabalhadores eram-lhes negado o básico: a educação. Com o tempo os donos do poder e do dinheiro aprenderam a ler. Tomaram posse dos meios de produção, aos demais lhes foram negados inclusive a humanização.

Conceito

Humanização: Para Paulo Freire, a humanização é um processo de tornar-se sujeito, ou seja, de reconhecer a própria capacidade de agir e transformar a realidade, em oposição à desumanização, que acontece quando o indivíduo é reduzido a um objeto. A humanização é um objetivo central da pedagogia freireana, que busca a libertação do indivíduo através da educação.

Neste contexto, de acordo Bastos (2016), a educação era realizada por meio do medo e do terror, pois:

a melhor arma para o escravo cumprir o seu dever era o medo “empregado com muito sistema e arte”. E uma das estratégias era aterrorizá-lo pedagogicamente pelo castigo, executados com “a maior solenidade, servindo assim para ensinar e intimidar os demais (Bastos, 2016 p. 752).

Eis que a educação até recentemente era rígida nesse sentido e mais ainda, muito embora, para Paulo Freire, havia outro atributo da educação que não deixava o estudante aprender e evoluir, pois

era depositado todo o conteúdo e repetido pelo aluno em todos os detalhes e vírgulas.

Uma educação semelhante às rotinas de um banco: depositava-se o conteúdo e deixava-o guardado. O guardião: o professor, detentor de todo o conhecimento. O aluno, alguém sem luz que deve obedecer. Educação não libertária, mas que reproduzia o esperado pelas classes dominantes negando a educação às classes menos privilegiadas – leiam-se trabalhadores.

Conceito

A expressão "**educação bancária**" foi cunhada por Paulo Freire em sua obra "Pedagogia do Oprimido". Longe de se referir ao ensino de práticas bancárias, o conceito de educação bancária descreve um modelo pedagógico tradicional e criticado por Freire.

Em essência, a educação bancária se caracteriza por:

Uma relação vertical e unilateral entre educador e educando: O professor é visto como o detentor do conhecimento, que "deposita" informações nos alunos, considerados como recipientes passivos.

Ênfase na transmissão de conteúdo: O foco principal está na transferência de informações do professor para o aluno, sem grande preocupação com a real compreensão, retenção ou aplicação desse conhecimento.

Aluno como "depositário": Os estudantes são tratados como "bancos" onde o professor deposita o saber, cabendo a eles apenas receber, guardar e reproduzir esse conteúdo.

Negação do diálogo e da criticidade: Não há espaço para a interação significativa, para o questionamento ou para a reflexão crítica sobre o conteúdo ensinado e sua relação com a realidade dos alunos.

Manutenção do status quo: Freire argumentava que esse modelo de educação serve para manter a opressão, pois não encoraja os alunos a desenvolverem uma consciência crítica da sua realidade e a buscarem a transformação social.

A educação no contexto de Paulo Freire: segundas linhas

Importa observar que os estudos de Paulo Freire aconteceram no mesmo período que o Brasil tentava deixar de ser agrário para a entrada definitiva no plano industrial. Desse modo, a orientação intelectual do educador brasileiro cresceu concomitante às transformações do país.

Destaque para o golpe militar de 1º de abril de 1964 que entre outras coisas perseguiu os desafetos e torturou-os, assim como fez com Paulo Freire:

Em 1º de abril de 1964, o então presidente João Goulart (1919-1976), que havia sido eleito em 1961, foi deposto pelos militares. O regime duraria até 15 de março de 1985, marcado pela supressão de direitos políticos e pela perseguição a opositores. Já no despontar da ditadura civil-militar, Paulo Freire se tornaria um exemplo desses tipos de ação.

Em abril mesmo, uma comissão da Universidade do Recife, onde o educador trabalhava, exigiu dele esclarecimentos sobre suas atividades; seguiam-se, assim, determinações do novo governo. Após as respostas de Paulo, em 16 de junho ele foi levado de sua casa para o quartel do 4º Exército, onde foi detido. Foi interrogado, solto em 3 de julho e preso novamente no dia seguinte. Seria mantido em cárcere depois disso por quase dois meses.

Liberado, foi forçado ao exílio, primeiro na Bolívia, depois no Chile. Foi neste último país que, em 1968, o educador escreveu *Pedagogia do oprimido*. De 1969 a 1970, foi professor convidado da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Em 1970, quando publicou o livro escrito no Chile, tornou-se professor da Universidade de Genebra, na Suíça. Depois, entre 1975 e 1979, fundou, com outros exilados, o Instituto de Ação Cultural (Idac), para serviços educativos a países terceiro-mundistas, além de liderar programas de educação e alfabetização em Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e São Tomé e Príncipe, na África⁷.

⁷ ITÁU CULTURAL. **Ocupação**. Disponível em: <https://ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/paulo-freire/ano1964-paulo-freire/> Acesso em: 11/05/2025.

Percebe-se que Paulo Freire levou seus ensinamentos por diversos países. Pontua-se que os efeitos da ditadura militar foram severos por diversos motivos além da tomada de poder por meio da violência. No entanto, ao contrário do esperado, gerou diversas transformações que alteraram e transformaram o Brasil e quem sabe até o mundo. Como neste caso.

Para aclarar um pouco mais a construção do conhecimento busquei deixar um ou outro conceito que o autor da Pedagogia do Oprimido escreveu, lembrando que foi uma obra escrita enquanto estava no exílio no Chile em meados de 1968:

Acusado de subversão e preso em 1964, durante 72 dias, partiu para o exílio no Chile, onde trabalhou por cinco anos no Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária (Icira) e escreveu seu principal livro: "Pedagogia do oprimido" (1968). Freire ainda passou por Estados Unidos e Suíça. Nesse período, prestou consultoria educacional a governos de países pobres, a maioria no continente africano⁸.

Período que se não foi bom para o educador no sentido do aprisionamento que vivenciou, foi produtivo em outro sentido, pois a experiência desencadeou e possibilitou uma espécie de epifania⁹ que de alguma forma contribuiu para sua principal obra.

No plano histórico e considerando a educação da década de 1960 nota-se que havia no Brasil a preocupação com a modernização e o consumo, fatos que por escolha política deixou-se de lado a preocupação com o bem-estar social.

Conceito

Bem-estar social se refere a um estado em que as necessidades básicas e os direitos dos cidadãos são atendidos, proporcionando uma qualidade de vida digna e oportunidades para o desenvolvimento pleno.

⁸ MEMÓRIAS DA DITADURA. Paulo Freire. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/paulo-freire/> Acesso em: 10/05/2025.

⁹ Uma epifania pode ser uma revelação inesperada ou uma compreensão súbita de algo. Pode ser um momento de clareza ou insight, como um "a luz acendeu" na mente.

De acordo com Souza; Ribeiro (2009):

A observação do processo de modernização nacional mostra que, aqui, priorizou-se, principalmente, a consolidação dos mercados de massa e a sofisticação do consumo, deixando de lado o bem-estar social (Souza; Ribeiro, 2009 p. 153).

Observa-se que esta decisão na esfera política ocasionou uma educação no mínimo de menor qualidade, vez que o objetivo relacionava-se tão somente com o consumo e a construção de uma massa de consumidores, haja vista o que foi pontuado.

Ainda mais, no Brasil buscava-se deixar a figura de um país agrário para a entrada definitiva em um mundo industrial a fim de se atingir outros patamares no plano econômico. Ocorre que esta situação de desenvolvimento sem a contrapartida educacional atrasou o país em décadas, vez que não é possível a manutenção econômica sem os mesmos níveis de educação.

Ressalta-se que no contexto brasileiro a escola não era para todos na década de 1960, muito menos em décadas anteriores.

Mesmo assim, de acordo com FERRARO; KREIDLOW (2004), diversas transformações ocorreram no país entre as décadas de 1920 e 1960 que influenciaram e sobrepesaram a educação no sentido da diminuição do analfabetismo ou mesmo com impacto direto na educação: “Muitos fatos importantes ocorreram no Brasil entre 1920 e 1960: crise do café, Revolução de 1930, industrialização, urbanização, crise da borracha, construção de Brasília” (FERRARO, A. R.; KREIDLOW, 2004 p 186).

Nesse contexto de transformação e a mudança no plano da economia a educação não recebeu a devida atenção sob o aspecto qualitativo, mas a manutenção do ensino tradicional – educação bancária, ensino que nega o sujeito.

Conceito

Sujeito: A humanização está diretamente ligada à ideia de sujeito, que é aquele que possui autonomia, capacidade de reflexão e de ação, e que não se limita a ser um mero objeto da opressão.

Feito as primeiras e as segundas linhas passemos à obra.

Capítulo 1

1.1. Justificativa da Pedagogia do Oprimido

O educador Paulo Freire percebeu que sob o aspecto histórico ocorreu um processo de desumanização do homem, vez que entendeu que os próprios homens: “reconhecem o seu pouco saber” (Freire, 1987 p.16).

Em contrapartida, deu-se conta do processo de humanização¹⁰ assim como o processo de desumanização que são sempre construções inacabadas, daí a reiterada alimentação, pois é sempre uma construção.

Para Freire (1987), a humanização foi negada pelos opressores por meio da injustiça, da exploração e da violência dos opressores, muito embora denunciadas pelos oprimidos pelo anseio de liberdade que por vezes não foram ouvidas.

Conceito

O anseio de liberdade é um dos pilares centrais do pensamento de Paulo Freire. Para ele, a educação libertadora tem como objetivo primordial despertar nos oprimidos a consciência da sua situação e o desejo de transformar a realidade em busca da liberdade.

Abrem-se parênteses para discorrer que os elementos de dominação são sutis e quase despercebidos quando não se for atento e treinado para a percepção. São realizados por meio de piadas, comportamentos ou até exclusão social de modo que

¹⁰ Para Paulo Freire, a humanização é um processo de tornar-se sujeito, ou seja, de reconhecer a própria capacidade de agir e transformar a realidade, em oposição à desumanização, que acontece quando o indivíduo é reduzido a um objeto. A humanização é um objetivo central da pedagogia freireana, que busca a libertação do indivíduo através da educação.

distancie ou inferiorize, nega-se dessa forma a humanização desumanizando-o.

Conceito

Desumanização: A desumanização, para Freire, é uma consequência da opressão e da falta de diálogo, que leva à alienação e à perda da autonomia do indivíduo.

Quanto a isso tomamos como exemplo o racismo estrutural como processo de desumanização e de dominação iniciado com a chegada das caravelas portuguesas. De acordo com NASCIMENTO; FERRARO (2024):

Quando a expedição portuguesa chegou ao Brasil em 1500, havia um pressuposto que os povos não europeus – especialmente a população dos continentes da América do Sul, africano e asiático – eram racialmente inferiores aos povos brancos e europeus. De acordo com Iracema, essa crença fundamentou o projeto colonial e organizou as relações sociais. É dessa forma que surge o “racismo estrutural”, conceito utilizado para explicar como o racismo está na base da formação da sociedade brasileira. “Na educação, sobretudo, o racismo se manifesta pelo apagamento e silenciamento dos conhecimentos produzidos por africanos e afrodescendentes no currículo, seja na educação básica ou no ensino superior”¹¹.

Percebe-se que a sociedade brasileira foi fundada sob o argumento da inferioridade racial desde a chegada portuguesa às terras brasileiras. Desse modo, a negação e a desumanização são construções centenárias que somente com a humanização e por meio de uma educação libertaria é possível a superação do processo de desumanidade.

¹¹ NASCIMENTO, Iracema Santos do.; FERRARO, Marcelo Rosanova. **Racismo estrutural ainda persiste na educação brasileira.** Atualidades / Diversidade <https://jornal.usp.br/?p=714358> 04/01/2024 – por Beatriz Pecinato, Publicado há 1 ano Atualizado: 15/01/2024 às 7:56. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/racismo-estrutural-ainda-persiste-na-educacao-brasileira/> Acesso em: 10/05/2025.

Percebe-se, entre outras coisas, que a negação da educação também é uma forma de violência contra os oprimidos – leiam-se trabalhadores -, mas não para por aí, pois diversas outras violências são cometidas a fim de manter o trabalhador na esfera da obediência e, portanto, a negação de sua humanidade.

Na prática, os sujeitos desumanizados e sem consciência de sua desumanidade manifestam pequenos lampejos em direção à liberdade, mesmo não sabendo o que lhes acontece, mas sentindo que algo acontece. O oprimido sente que é oprimido, mas não reconhece a opressão que sofre.

1.2.A contradição: opressores-oprimidos, sua superação

Também, Freire (1987), faz apontamentos sobre a violência dos opressores frente aos oprimidos, ressalta ainda que mesmo os opressores perdem sua humanização neste processo. Pontua que a função dos oprimidos ganha duas dimensões: libertarem-se da opressão e libertar os opressores.

Nesse sentido, de acordo com Freire (2018), observa-se:

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores dos opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Êstes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora,

permanente, desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria. Que se nutre de tudo isto e a tudo isto nutre (FREIRE, 2018 p. 59).

Percebe-se que a contradição está em fazer-se livre da opressão e ao mesmo tempo libertar os opressores. No entanto, o autor alerta que para a superação da opressão é necessário à luta do próprio oprimido, vez que entende melhor que os opressores os efeitos e a necessidade e libertação.

Conceito

Contradição se refere à coexistência de ideias, afirmações, ações ou situações que são opostas, inconciliáveis ou que se negam mutuamente. É quando uma coisa implica a negação de outra, ou quando duas coisas parecem logicamente impossíveis de serem verdadeiras ao mesmo tempo.

Sob esse aspecto pontua-se que o objetivo da educação é formar o homem no sentido que faça e construa as suas próprias palavras de modo que não repita apenas o que lhe é dito, tonando-se sujeito de sua própria história.

Ainda, o autor apresenta a ideia de seu trabalho em PEDAGOGIA DO OPRIMIDO:

aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos (Freire, 1987 p. 17)

Mesmo assim, durante a busca pela libertação, Paulo Freire alerta para que o oprimido não se torne o opressor, pois a estrutura e a maneira que pensa está condicionada à vida de opressão e após a sua compreensão não se torne o elemento de opressão. Esse movimento de tornar-se opressor Paulo Freire chamou de aderência.

Conceito

Em Paulo Freire, o conceito de **aderência** ganha uma conotação específica e crítica, relacionada principalmente à "aderência ao opressor" e à "adesão cultural".

Outro aspecto que merece explicação tem relação com o medo de liberdade do oprimido. De acordo com Paulo Freire esse medo relaciona-se com o condicionamento da opressão prolongada, ao passo que o indivíduo tem medo de libertar-se ou quando acessa outro patamar torna-se o próprio opressor.

Conceito

O **medo da liberdade** é um conceito crucial na pedagogia de Paulo Freire, especialmente em sua obra seminal, "Pedagogia do Oprimido". Para Freire, esse medo não é uma característica inerente aos oprimidos, mas sim uma consequência da opressão prolongada e da internalização da figura do opressor.

Como se manifesta o medo da liberdade nos oprimidos, segundo Freire:

Acomodação e adaptação: Os oprimidos, acostumados a uma realidade de submissão, podem desenvolver uma certa acomodação e adaptação à estrutura opressora. Essa adaptação, embora lhes traga alguma forma de "segurança" dentro da sua não-liberdade, dificulta a percepção das possibilidades de mudança e gera um receio do desconhecido que a liberdade representa.

Para Paulo Freire quando se decide a autêntica luta contra para superar a condição de oprimido surge o conceito de Ser mais em contraposição do Ser menos que são os sujeitos desumanizados.

Conceito

Em Paulo Freire, os conceitos de "**ser mais**" e "**ser menos**" são fundamentais para compreender sua visão da condição humana e o papel da educação na busca pela libertação. Eles estão

intrinsecamente ligados à sua concepção de vocação ontológica e ao processo de humanização e desumanização.

1.3.A situação concreta de opressão e os opressores

A reflexão parte da observação do que aconteceria se os oprimidos deixarem de sê-lo e os opressores perderem seus privilégios? De acordo com Paulo Freire, estes passariam a ser os novos oprimidos, pois os direitos que eram somente seus deixariam de existir.

Talvez seja isso que impeça a transformação, pois a classe dominante teme perder os seus privilégios e por conta disso reage como forma de impedimento ao acesso à humanização, afinal manter a opressão é garantia de continuidade, daí uma educação libertadora ser essencial para a mudança.

Mais ainda, a violência opressora é passada de geração para geração criando uma espécie de sentimento de posse:

Esta violência, como um processo, passa de geração a geração de opressores, que vão fazendo legatários dela e formando-se no seu clima geral. Esse clima cria nos opressores uma consciência fortemente possessiva. Possessiva do mundo e dos homens. Fora da posse direta, concreta, material, do mundo e dos homens, os opressores não se podem entender a si mesmos. Não podem ser deles. (Freire, 1987 p. 25).

Sob o aspecto histórico que pontuamos durante todo o texto, no Brasil desde 1500 a estrutura de opressão foi se constituindo e tomando as mentes e os corpos de gerações de sujeitos que lhes foram negados a humanidade. Nesse sentido, a educação libertadora se faz necessário para a desconstrução da opressão rumo ao Ser mais.

Outro alerta que se deve ter em conta de acordo com Freire (1987) está relacionado com a visão inconsciente do oprimido frente às fatalidades que enfrentam, para o autor é a impotência de reconhecer e localizar o opressor concretamente que coloca-os em condições fatalistas em face da situação que vivencia.

Por exemplo: o sujeito sofre toda espécie de tortura por parte de seu patrão, mas por temeridade de perder o emprego e faltarlhe os meios de subsistência atribui à sorte os infortúnios da vida ou ao seu próprio azar, quando na verdade são os atos arbitrários do patrão que limitam as suas vidas.

Para Freire (1987), isso acontece pela falta de consciência em identificar o motivo concreto dos sofrimentos. Nessa impossibilidade, a ajuda é remetida aos céus ou a algum elemento mágico, ao passo que não consegue se libertar dessas amarras.

Por outro lado a educação deve ter um papel libertador de tomada de consciência e ação sobre o mundo que se vivencia, pois, de acordo com Silva (2023):

Para Paulo Freire, o processo pedagógico educacional deve possuir um movimento contínuo e dinâmico onde não haja espaço para ideologias e sistemas enrijecidos e tomados como acabados. A educação transformadora deve apontar ao educando o papel que o homem possui junto à sociedade e junto a si. Frente à sociedade, a educação deve mostrar a necessidade da dinamicidade em contraposição às sistematizações que estigmatizam o corpo social. (SILVA, 2023 p. 23)

Nesse plano a educação que Paulo Freire acredita é conflitante com o sistema de ideologias dominantes vez que a liberdade vai na contramão de sistemas fechados e sem diálogo.

1.4. Ninguém Liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão

De acordo com Freire (1987), é necessário deixar o estado de dependência emocional em relação ao opressor, nesse sentido utiliza-se do conceito de necrófilas numa perspectiva onde manter a dependência é destruir a vida.

Conceito

O termo "necrófilas" no contexto da obra de Paulo Freire não se refere a uma atração sexual por cadáveres. Em vez disso, ele utiliza essa palavra de forma metafórica para descrever atitudes, práticas e sistemas que matam a vida, a criatividade, a esperança e a autonomia dos indivíduos e das comunidades.

Para Freire, as "necrófilas" são as forças opressoras e as ideologias que perpetuam a desumanização. Elas se manifestam de diversas maneiras:

Educação bancária: Essa prática pedagógica, criticada por Freire, é considerada "necrófila" porque trata os alunos como recipientes vazios a serem preenchidos com informações, anulando sua capacidade de pensar criticamente, de questionar e de construir seu próprio conhecimento. Ela mata a curiosidade, a criatividade e a autonomia dos educandos.

Opressão e exploração: Os sistemas sociais, econômicos e políticos que exploram e oprimem os indivíduos e as comunidades são "necrófilos" porque lhes negam as condições básicas para uma vida digna, sufocam suas potencialidades e os mantêm em uma situação de "ser menos".

Cultura do silêncio: As práticas que impedem a livre expressão, o diálogo e a participação das pessoas na construção de sua própria realidade são "necrófilas" porque silenciam suas vozes, matam suas ideias e perpetuam a passividade.

Ideologias alienantes: As ideias e os discursos que justificam a opressão, que naturalizam a desigualdade e que impedem a tomada de consciência crítica são "necrófilos" porque obscurecem a realidade e mantêm os oprimidos em uma situação de alienação.

Falta de esperança: A disseminação do pessimismo, da desesperança e da crença na impossibilidade de mudança são atitudes "necrófilas" porque paralisam a ação transformadora e minam a luta pela libertação.

Para Freire (1987), somente quando os oprimidos descobrirem quem são seus opressores tornará possível o movimento em busca de libertação, lembrando que isso se dá na relação uns com os outros de modo que seja superada a convivência com o regime opressor por meio de um diálogo crítico.

Também destaca que a ação deve ser o esforço permanente de reflexão sobre as condições concretas sempre em busca de Ser mais a partir do movimento que chamou de práxis.

Para Freire, a práxis é a reflexão e ação dialeticamente interligadas. Não se trata apenas de fazer algo (ativismo vazio) nem apenas de pensar sobre algo (teoria desconectada da realidade). A verdadeira práxis envolve um movimento constante entre a reflexão crítica sobre a realidade e a ação transformadora nessa mesma realidade.

Capítulo 2

2.1. A concepção bancária da educação como instrumento de opressão. Seus pressupostos, sua crítica

Nos estudos de Paulo Freire ele constatou dentro e fora da escola que as relações de aprendizagem entre o educador e os educandos são essencialmente de narradores e dissertadores.

Narradores e dissertadores que cristalizam o saber para os pacientes, os educandos. Situação que cristaliza os conceitos e os conteúdos sem a devida crítica. Exemplifica isso por meio de palavras descontextualizadas, como, por exemplo, seu pai comeu a uva.

Destaca-se que não existe erro, mas um conteúdo que está fora de contexto durante o processo de aprendizagem. Daí, a meu ver, está a maior crítica de Paulo Freire, não se ensina a pensar a partir de problemas concretos ou mesmo abstratos, apenas apresenta-se determinada situação sem um contexto.

Tem mais, a educação bancária segue determinado padrão de ensino onde o educador é o centro do processo de aprendizagem, de modo que o educador se apresenta como detentor do conhecimento pronto e acabado e, dessa maneira, sem espaço para a discussão.

A partir disso, de acordo com Freire (1987), a narração conduz o educando à memorização apenas de conteúdo de maneira mecânica, pois se pensa o educando como um ser que lhe é depositado o saber sem qualquer contrapartida de sua parte, daí a razão da educação bancária.

2.2. A contradição Problematizadora e libertadora da educação. Seus pressupostos

Inicialmente importa aclarar que para Paulo Freire o educador deve ser humanista, vez que o modelo tradicional e repetidor de conteúdo tendo-o como personagem central da educação não se sustenta.

Mesmo assim, Paulo Freire aponta que mais cedo ou mais tarde os educandos – buscando sua vocação natural de humanização -, perceberão a contradição entre a educação bancária e a educação humanista.

Conceito

Em Paulo Freire, o conceito de humanista está intrinsecamente ligado à sua visão de educação como prática da liberdade e à sua profunda preocupação com a humanização. Para Freire, ser humanista na educação significa:

Centralidade no ser humano: Colocar o ser humano, em sua totalidade e em seu contexto social, histórico e cultural, no centro do processo educativo. Isso implica reconhecer sua dignidade, seus saberes, suas experiências e seu potencial de transformação.

Para Freire (1987), os educadores são companheiros dos educandos no processo educativo. A perspectiva dialógica proposta pelo educador pressupõe a aproximação entre educador e educando e contextualização das problematizações.

Nesse sentido Gomes; Guerra (2020), discorrem:

Sua perspectiva pedagógica buscava fundamentalmente educar conscientizando, a partir da contextualização dos conteúdos trabalhados na sala de aula, que deve ser um espaço democrático e aberto ao diálogo. É nesse espaço de reflexão, em que o professor dialoga com o aluno, que se desenvolve a educação crítica, formando pessoas capazes de relacionar conceitos e de problematizar situações do seu cotidiano.

Assim, o educador enquanto humanista deve criar situações de problematização a fim de encontrar respostas de modo que os educando e a si próprios possam caminhar em direção à libertação das amarras.

2.3. A concepção “bancária” e a contradição Educador – Educando

Paulo Freire inicialmente pontua que não existe uma dicotomia homens – mundo, esse é o resultado da educação bancária que age em nome da classe dominante, ou seja, uma consciência que simplesmente é preenchida.

Na verdade, o homem está no mundo e não é mero espectador, pois age individualmente, age com outros homens e age com o próprio mundo de modo a transformá-lo.

O educador deve sempre pautar-se por uma educação libertadora, uma que não se pode apenas depositar conteúdo ou narrar algo, ou transmitir conhecimentos, ao contrário. O educador é mediador de sujeitos cognoscentes que agem no mundo e o transformam por meio da sua própria palavra e de sua consciência.

Conceito.

Em Paulo Freire, o termo cognoscentes se refere aos sujeitos capazes de conhecer. É um conceito central em sua pedagogia, que enfatiza a natureza ativa e dialógica do processo de aprendizagem. Aqui estão alguns pontos importantes sobre os "cognoscentes" na perspectiva de Paulo Freire:

Sujeitos ativos do conhecimento: Para Freire, conhecer não é um ato passivo de receber informações, mas sim uma ação dinâmica e interativa. Tanto educadores quanto educandos são vistos como sujeitos cognoscentes, ou seja, ambos têm a capacidade de conhecer e de construir conhecimento juntos.

De acordo com Oliveira (2017), a: “teoria dialógica freireana, os sujeitos se encontram para conhecer e transformar o mundo em colaboração. O diálogo, que é sempre comunicação, funda a colaboração que se realiza entre sujeitos” (Oliveira, 2017 p. 232).

2.4. Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo

Para romper com a educação bancária e entrar de vez em uma educação problematizadora e, dessa maneira, realizar a prática libertadora, Paulo Freire propõe a superação a contradição existente entre educador – educando, para tanto observa que não é possível tal realização sem o diálogo.

Diz isso porque somente por meio do diálogo os sujeitos: educador – educando evoluem no processo, pois o educador não é mais aquele que educa, mas é aquele que enquanto educa é educado.

Da mesma maneira é a relação do educando, pois, a meu ver, não é apenas o educando, é aquele que no processo aprende e ensina na mesma proporção. Nesse sentido o ambiente escolar transforma-se numa comunidade aprendente, onde todas as pessoas aprendem e ensinam ao mesmo tempo, todos são educandos e educadores.

Creio que é dessa maneira que Paulo Freire pensou, pois: “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão” (Freire, 1987 p. 39).

Outro aspecto relevante relaciona-se com ideia de prática de liberdade, ao contrário da educação como forma de dominação, de acordo com Freire (1987), é importante negar o homem abstrato e isolado sem qualquer ligação com o mundo.

Para Freire (1987), a discussão ou reflexão autêntica se dá a partir do homem e suas relações com o mundo.

De acordo com De Oliveira; Coeli Barbosa (2021):

A educação como um dos instrumentos de dominação social viabiliza a realização da ideologia dominante, cujo objetivo é a alienação, a domesticação, a subserviência. Nesse sentido, foram acirradas as críticas de Paulo Freire à educação que desvirtua seus sentidos e não oferece ao homem a possibilidade de desenvolvimento de sua consciência crítica. Pensou num perfil de homem que não fosse “fabricado” pela ideologia capitalista, mas que pudesse ser delineado, estabelecido por uma educação humanizadora e pudesse se constituir em um verdadeiro protótipo de cidadão para uma sociedade “civilizada”, mais justa e igualitária. (De Oliveira; Coeli Barbosa, 2021 p. 3)

Desse modo, a educação humanista proposta por Paulo Freire vai na contramão dos interesses da classe dominante, vez que busca à formação de um cidadão crítico, avesso às ideologias e a dominação, um sujeito crítico que busca uma sociedade mais justa e igualitária.

2.5. O homem como ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca do Ser mais

O homem, de acordo com Freire (1987), é um ser inacabado, muito embora por meio de sua consciência compreenda a sua existência e também que é um ser incompleto. Eis que, a meu ver, o processo de vida humana é uma busca constante pela completude, algo que para Paulo Freire representa o Ser mais.

Ainda, o ser humano em muitos aspectos é diferente dos demais animais, pois é um ser que tem consciência de sua historicidade e participa ativamente do processo histórico em relação a si e no mundo.

De acordo com Oliveira Soares (2020), enquanto analisa os textos de Paulo Freire para reflexão no ensino de história, comenta:

No pensamento freiriano, o aprendizado histórico fundamenta-se a partir de uma dialogia relacional entre as experiências históricas do educando e o que ele aprende no ambiente escolar, pois para o autor não há uma separação entre o que se vive e o que se aprende, já que a partir dessa relação temos a

possibilidade de compreender como o aprendizado se constrói (Oliveira Soares, 2020 p. 192).

Dessa forma, de acordo com Freire (1987), a educação é sempre uma práxis constante, em uma relação de reflexão com o mundo o que os demais homens. Daí que para este autor: “a educação se faz constantemente na práxis. Para ser tem que estar sendo”. (Freire, 1987 p. 42).

Para a superação da educação bancária, Paulo Freire propõe a educação problematizadora no sentido onde educador e educando são sujeitos neste processo de construção de conhecimento por meio da ação e do diálogo considerando o contexto e a realidade com o fim de transformar a própria vida.

A **Educação Problematicadora** propõe um caminho de libertação e humanização. Ela parte do princípio de que o ser humano é um ser inacabado e curioso, capaz de conhecer e transformar o mundo. Seus pontos chave são:

Horizontalidade e Dialogicidade: A relação entre educador e educando é de diálogo, onde ambos aprendem e ensinam. O educador não impõe, mas propõe desafios e questões.

Contexto e Realidade: O ponto de partida do aprendizado são os problemas e desafios da realidade concreta dos educandos, seus "temas geradores".

Conscientização: Através do diálogo e da reflexão sobre a própria realidade (a práxis - ação e reflexão), os educandos desenvolvem uma consciência crítica sobre as causas de sua situação, percebendo-se como sujeitos históricos e capazes de transformar o mundo.

Curiosidade Epistemológica: O educador estimula a curiosidade dos educandos, ajudando-os a fazer perguntas, a investigar e a construir seu próprio conhecimento.

Ineditismo Viável: A educação problematizadora não se conforma com o "dado", mas busca o "inedito viável", ou seja, aquilo que

ainda não existe, mas que pode ser construído pela ação coletiva e consciente.

Transformação Social: O objetivo final não é apenas o conhecimento pelo conhecimento, mas a aplicação desse saber para a transformação das condições de opressão e para a construção de uma sociedade mais justa e humana.

A educação problematizadora é um convite à ação-reflexão-ação, onde o ato de conhecer está intimamente ligado ao ato de transformar. Ela visa despertar a capacidade criativa e transformadora dos indivíduos, para que não sejam meros "objetos" da história, mas "sujeitos" ativos na construção do seu próprio destino e do destino da humanidade.

De acordo com Pitano (2017), a educação problematizadora afeta principalmente o sujeito social, pois de maneira coletiva é um movimento humano no sentido de avançar a consciência, pois:

O sujeito social é fruto de um caminho de aprendizagem e superação de estágios de consciência. Um caminho jamais linear e, menos ainda, predeterminado. É movimento humano na história de suas relações cada vez mais conscientes com os outros e com o que ocorre no mundo. Embora não seja encontrado, na obra de Freire, o termo sujeito social, o uso de outras expressões com afinidade semântica, tais como sujeito histórico, sujeito da decisão, sujeito cognoscente, sujeito da transformação e sujeito político, revelam-no presente, ainda que de maneira implícita. (Pitano, 2017 p. 88).

Desse modo, o pensamento de Paulo Freire enquanto educação problematizadora contribui no plano individual e coletivo, vez que amplia a consciência por meio da crítica sobre a realidade.

Considerações Finais

O pensamento de Paulo Freire não se esgota e continua atual, vez que a ideia de liberdade, o pensamento crítico além da própria consciência sobre a condição do oprimido e do opressor são elementos essenciais para o avanço de maneira igualitária da sociedade.

Importa ainda os conceitos como educação problematizadora e o papel da educação enquanto formação libertadora é-nos relevante para a compreensão social bem como o nosso papel enquanto educadores.

Também observamos o papel da educação tradicional vez que nossos estudos freireanos apontam para uma educação castradora e servil no sentido de obediência cega aos valores de uma determinada classe social, neste caso a elite, daí a evidencia de um ensino bancário e sem reflexão.

Parece-nos ainda mais claro a ideia de uma formação humanizadora no sentido de construção de autonomia e liberdade, a nosso ver esse processo tem lugar privilegiado na escola, mas não o único, vez que por meio do diálogo e a interação problematizadora entre educador e educando contribui no processo de aprendizagem de maneira coletiva e individual, pois no processo os sujeitos estão sendo.

Referências

- BASTOS, Maria Helena Camara. **A educação dos escravos e libertos no Brasil: vestígios esparsos do domínio do ler, escrever e contar (Séculos XVI a XIX)**. Cadernos de História da Educação, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 743–768, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/35556> Acesso em: 10 maio. 2025.
- DE OLIVEIRA PEREIRA, R.; COELI BARBOSA, R. **Reflexões acerca do pensamento de Paulo Freire sobre educação**. Educação em Foco, [S. l.], v. 26, n. Especial 02, p. e26037, 2021. DOI: 10.34019/2447-5246.2021.v26.36105. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/36105>. Acesso em: 12 maio. 2025.
- FERRARO, A. R.; KREIDLOW, D. **Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais**. Educação & Realidade, [S. l.], v. 29, n. 2, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25401> Acesso em: 10 maio. 2025.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo, 1921 – 1997 **Pedagogia do oprimido** : (o manuscrito) / Paulo Freire; Jason Ferreira Mafra ; José Eustáquio Romão ; Moacir Gadotti (projeto editorial, organização, revisão e textos introdutórios). – 1. ed – São Paulo : Editora e Livraria Instituto Paulo Freire: Universidade Nove de Julho (UNINOVE) : Big Time Editora/BT Acadêmica. Disponível em: <https://www.neca.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Pedagogia-do-Oprimido-Manuscrito.pdf> Acesso em: 10/05/2025.
- GOMES, Cláudia Suely Ferreira; GUERRA, Maria das Graças Gonçalves Vieira. **Educação dialógica: a perspectiva de Paulo Freire para o mundo da educação**. Revista de Educação Popular, Uberlândia, v. 19, n. 3, p. 4–15, 2020. DOI: 10.14393/REP-2020-

52847. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/52847> Acesso em: 11 maio. 2025.

ITÁU CULTURAL. **Ocupação**. Disponível em: <https://ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/paulo-freire/ano1964-paulo-freire/> Acesso em: 11/05/2025.

MEMÓRIAS DA DITADURA. **Paulo Freire**. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/paulo-freire/> Acesso em: 10/05/2025.

NASCIMENTO, Iracema Santos do.; FERRARO, Marcelo Rosanova. **Racismo estrutural ainda persiste na educação brasileira**. Atualidades / Diversidade <https://jornal.usp.br/?p=714358> 04/01/2024 – por Beatriz Pecinato, Publicado há 1 ano Atualizado: 15/01/2024 às 7:56. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/racismo-estrutural-ainda-persiste-na-educacao-o-brasileira/> Acesso em: 10/05/2025.

OLIVEIRA, I. A. DE. **A dialogicidade na educação de Paulo Freire e na prática do ensino de Filosofia com crianças**. Movimento-revista de educação, n. 7, p. 228-253, 9 nov. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32633> Acesso em: 12/05/2025.

OLIVEIRA SOARES, R. de. **A construção histórica do sujeito nas obras de Paulo Freire: uma reflexão sobre consciência histórica**. História Revista, Goiânia, v. 25, n. 3, p. 191–206, 2020. DOI: 10.5216/hr.v25i3.66073. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/66073>. Acesso em: 13 maio. 2025.

PITANO, S. de C. **A Educação problematizadora de Paulo Freire, uma pedagogia do sujeito social**. Revista Inter-Ação, Goiânia, v. 42, n. 1, p. 087–104, 2017. DOI: 10.5216/ia.v42i1.43774. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/43774>. Acesso em: 22 maio. 2025.

SILVA, Adelmo José da. **Paulo Freire: a construção da liberdade e da subjetividade**. v. 2 n. 26 (2023): Dossiê das revistas do XIV Colóquio Antero de Quental. Número XXVI – Volume II – dezembro de 2023 <https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia> ISSN: 1414-3917 e-ISSN: 2448-2137. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia/article/view/43904> Acesso em: 11/05/2025.

SOUZA, Saulo Éber Társio de; RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza. **Educação escolar e modernização no interior paulista (Franca - década de 60)**. Cadernos de História da Educação, [S. l.], v. 7, 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/1888>. Acesso em: 10 maio. 2025.

A educação, para Freire, deve ser um instrumento de humanização, promovendo a reflexão crítica e a participação ativa dos educandos na construção do conhecimento e na transformação da sociedade.

